

HOTEL CENTRAL

O JANTAR DO HOTEL CENTRAL – PEÇA EM 2 ACTOS (Adaptação do texto de "Os Maias" de Eça de Queiroz)

DRAMATIS PERSONAE

Carlos da Maia, Jorge Leonel

João da Ega, José Paulo Vaz

Dâmaso Salcedo, Guilherme Galvão

Tomás de Alencar, Alcídio Pereira

Craft, Ian Wait

Cohen, Manuel Baptista

Bulhão Pato, Alcídio Pereira

Eça de Queirós, Manuel Baptista

Narrador: Ademar Rodrigues

Ilumina-se a cena:

Música de introdução:

“Há uma estrela”, de *Viana da Motta*, Soprano: *Elvira Archer*

PRIMEIRO ACTO

INTRODUÇÃO DA PEÇA; TEXTO PARA LER:

LISBOA, Hotel Central, uma Segunda-feira do princípio de Março de 1887, ao início da noite.

Fora um dia de Inverno suave e luminoso, as duas janelas estavam ainda abertas. Sobre o rio, no céu largo, a tarde morria, sem uma aragem, numa paz elísea, com nuvenzinhas muito altas, paradas, tocadas de cor-de-rosa: as terras, os longes da Outra Banda já se iam apagando num vapor aveludado, de tom de violeta, a água jazia, lisa e luzidia como uma bela chapa de aço novo; e, aqui e além, pelo vasto ancoradouro, grossos navios de carga, longos paquetes estrangeiros, dois couraçados ingleses,

dormiam, com as mastreações imóveis, como tomadas de preguiça, cedendo ao afago do clima doce.

No Hotel Central, ao Cais do Sodré, reúnem-se para jantar seis amigos e a sombra de outros dois, que depois se revelarão no 2.º acto, que representam a sociedade burguesa e aristocrática do final do século XIX português:

Carlos da Maia; o médico aristocrata e positivista;

João da Ega, o revolucionário, defensor das ideias novas, na política e na literatura;

Craft; um inglês que representa o espírito positivo e a verdadeira formação do carácter;

Cohen; Banqueiro, intriguista e interesseiro.

Dâmaso Salcede, burguês deslumbrado pela alta roda em que só é tolerado;

Tomás de Alencar, o velho representante da geração anterior, poeta medíocre da fase final do Romantismo.

(Bulhão Pato: que vive na personagem de Tomás de Alencar; Eça de Queiroz, que vive no espírito de várias personagens, principalmente na de Carlos da Maia)

A discussão tem como pano de fundo a querela geracional entre duas correntes literárias, a do Romantismo decadente, representada pelo velho Tomás de Alencar, e a Ideia Nova, a nova literatura Realista e Naturalista

importada segundo o modelo de Zola e Flaubert (João da Ega, Carlos da Maia)

1.^a CENA

(SALA ÀS ESCURAS ONDE JÁ SE ENCONTRAM INSTALADOS OS CONVIDADOS. ENTRAM NA SALA, DÂMASO SALCEDE, CRAFT E JOÃO DA EGA CONVERSANDO. TOMAM LUGAR NO TOPO DA MESA. UM FOCO ILUMINA A CENA)

Entra Carlos da Maia

JOÃO DA EGA: Carlos, apresento-te aqui um amigalhaço, o Sr. Dâmaso Salcede, conhecido *Sportsman* de Lisboa...

Cumprimentam-se

CRAFT (virando-se para Carlos): Vimos agora, lá em baixo, a entrar para o Hotel uma esplêndida mulher, com uma esplêndida cadelinha griffon e servida por um esplêndido preto !

DÂMASO SALCEDE (abruptamente): Bem sei, são os Castro Gomes, conheço-os muito, vim com eles de Bordéus ... uma gente muito chique que vive em Paris.

CARLOS DA MAIA: O Sr. Salcede chegou agora de Bordéus ?

DÂMASO SALCEDE: Vim há quinze dias, no Orenoque. Vim de Paris... que eu podendo é lá que me pilham...

Esta gente conheci-a em Bordéus. Isto é, verdadeiramente, conheci-a a bordo. Mas estávamos todos no Hotel de Nantes. Gente muito chique; criado de quarto, governanta inglesa para a filhita, femme de chambre, mais de vinte malas, gente a valer.

Parece incrível, uns brasileiros. Que ela na voz não tem sotaque nenhum, fala como nós. Ele sim, ele tem muito sotaque...Mas elegante também, vossa Excelência não lhe pareceu ?

(Bebe um gole)

DÂMASO SALCEDE: V Excelência não toma Sr. Maia ? (bebe outro gole)

Pois eu, assim que posso, é direitinho para Paris! Aquilo é que é terra! Isto aqui é um chiqueiro...

Eu, em não indo lá todos os anos, acredite V. Ex.cia, até começo a andar doente.

Aquele boulevardzinho... hem! Ai eu gozo aquilo. E sei gozar, que eu conheço aquilo a palmo... Tenho até um tio em Paris.

JOÃO DA EGA: E que tio! Íntimo de Gambetta, governa a França, o tio do Dâmaso governa a França, menino...

DÂMASO. SALCEDE: Ah, lá isso, influência tem. Íntimo de Gambetta, tratam-se por tu, até vivem quase juntos... E não é só com o Gambetta; é com o Mac-Mahon, com o Rochefort, com o outro de que me esquece agora o nome, com todos os republicanos enfim! É tudo quanto ele queira...

(Virando-se para Carlos da Maia) V. Ex.cia não o conhece? É um homem de barbas brancas... é irmão da minha mãe, chama-se Guimarães. Mas em Paris chamam-lhe Monsieur de Guimarans...

.....

Entram os demais convivas, Tomás de Alencar à frente.

JOÃO DA EGA: Saúde ao Poeta!

Erguem as taças

2.^a CENA

(todos sentados)

JOÃO DA EGA: E este crime da Mouraria, já se conhecem os pormenores?

DÂMASO SALCEDE: Sim, eu conhecia a rapariga no tempo que era amante do Visconde da Ermidinha, a que matou a outra à facada, era fadista...

CRAFT: E era bonita?

DÂMASO SALCEDE: Sim, e umas mãos de duquesa. E como canta o fado! Uma fadista! O pior é que, já desde o tempo do Visconde, se empiteirava. E o Visconde, honra lhe seja, nunca lhe perdeu a amizade; respeitava-a; mesmo depois de casado ia vê-la e prometera-lhe que se ela quisesse deixar o fado lhe punha uma confeitaria para os lados da Sé.

(suspirando)

Mas ela não quis, gosta daquilo... do Bairro Alto, dos cafés, dos chulos...

CARLOS DA MAIA: Este mundo dos fadistas, merece um estudo, um romance como o Assommoir de Zola, um romance realista...

TOMÁS DE ALENCAR (sobressaltando-se): Rapazes ! Aqui, a esta hora asseada, à hora do jantar, não se discuta essa literatura latrinária !

Aqui todos somos homens asseados, de sala. Não se mencione o excremento !

CRAFT: Pois também vos digo que a arte não pode confinar-se a isso que agora chamam Realismo... Como idealização, a arte tem que mostrar os tipos superiores de uma humanidade aperfeiçoada, as formas mais belas do viver e do sentir...

CARLOS DA MAIA: Além do mais, o mais intolerável no Realismo são os seus ares científicos, a sua pretenciosa estética deduzida de uma filosofia alheia e a invocação de Claude Bernard, do experimentalismo, do Naturalismo, do Positivismo, de Stuart Mill e de Darwing a propósito de uma lavadeira que dorme com um carpinteiro.

JOÃO DA EGA: Justamente, o ponto fraco do Realismo está em ser ainda pouco científico, em inventar enredos, criar dramas, abandonar-se à fantasia literária! A forma pura da arte naturalista deve ser a monografia, o estudo seco de um tipo, de um vício, de uma paixão, tal como se se tratasse de um caso patológico, sem pitoresco nem estilo...

CARLOS DA MAIA: Mas isso é absurdo, meu caro, os caracteres só se podem revelar pela acção...

CRAFT: A obra da arte vive apenas pela forma...e, na realidade...

TOMÁS DE ALENCAR (Abruptamente): E vocês gastando cera com ruins defuntos! Rapazes, não são necessárias tantas filosofias: O realismo critica-se deste modo: (com um gesto) mão no nariz ! Eu, quando vejo

um desses livros, enfrasco-me logo em água-de-colónia. Não discutamos o excremento!

JOÃO DA EGA: Venha o Saint-Émilion ! Então Cohen, diga-nos cá, o empréstimo faz-se ou não se faz?

(falando para os convivas) Esta questão é muito grave. É uma operação tremenda, um facto histórico!

COHEN (lentamente, dando um gole de vinho): O empréstimo, meu caro, tem de se realizar “absolutamente”. Hoje, em Portugal, os empréstimos constituem uma fonte de receita tão regular, tão indispensável, como os impostos. Aliás, a única ocupação dos ministérios é esta: cobrar o imposto e fazer o empréstimo. E assim há-de continuar...

CARLOS DA MAIA: Meu caro, não entendo nada de finanças, mas não lhe parece que assim o País caminha alegremente e lindamente para a bancarrota?

COHEN: Para a bancarrota? Num galopezinho muito seguro e muito a direito... AH mas sobre isso ninguém tem ilusões, meu caro senhor, nem os próprios ministros da Fazenda! A bancarrota é inevitável, é como quem faz uma soma.

JOÃO DA EGA (impressionado, enche o cálice de Cohen): Ora esta!

COHEN: A bancarrota é certa, caros senhores, e as coisas estão tão dispostas nesse sentido que será fácil a qualquer , em dois ou três anos, fazer falir o País.

JOÃO DA EGA: E qual é a receita ?

COHEN: Nada mais fácil, basta manter uma agitação revolucionária constante; nas vésperas de se lançarem os empréstimos, duzentos maganões caem sobre a polícia municipal à pancada, quebram os candeeiros com vivas à República. Telegrafa-se isto em letras bem gordas para os jornais de Paris, de Londres e do Rio de Janeiro, assustam-se os mercados, assusta-se o brasileiro, e estala a bancarrota. O problema é que isto não convém a ninguém...

JOÃO DA EGA (num impulso): Como não convém a ninguém ?! Ora essa! Isso é o que convém a todos. À bancarrota segue-se uma revolução, evidentemente. Um país que vive da verba do orçamento, em não lha pagando, agarra no cacete. E, procedendo por princípio, ou procedendo apenas por vingança – o primeiro cuidado que tem é varrer a monarquia que lhe representa o calote, e com ela o crasso pessoal do

constitucionalismo. Passada a crise, Portugal fica livre da velha dívida, da velha gente, dessa colecção grotesca de bestas...

COHEN (agarrando Ega pelo braço): Você tem razão, em toda esta gente que está no poder desde 46 há mediócras e patetas, mas olhe que também há gente de grande valor – Há talento, há saber; Você deve reconhecê-lo, Ega, você é um exagerado! Não senhor, há talento, há saber.

JOÃO DA EGA: Tem razão, há talento, há saber...

TOMÁS DE ALENCAR: Pois eu, pela minha parte, quero uma República governada por génios, a fraternização dos povos, os Estados Unidos da Europa... E fiquem vocês sabendo que estes politicoques agora no poder, foram noutra tempo meus camaradas de redacção e companheiros de café e da batota.

Isso, lá a respeito de talento e de saber, meu Cohen, histórias ...

COHEN: Não senhor, Alencar, não senhor! Você também é dos tais... Até lhe fica mal dizer isso... é exageração.... Não senhor, há talento, há saber...

TOMÁS DE ALENCAR: Pois, caro Cohen, sempre tenho de admitir.

COHEN: É certo, meus senhores, que Portugal precisa de reformas...

JOÃO DA EGA (interrompendo): Portugal, Cohen, não precisa de reformas, Portugal o que precisa é da invasão espanhola.

TOMÁS DE ALENCAR (indignado): Isso é mais um paradoxo do nosso caro Ega.

JOÃO DA EGA: Não, não! falo a sério. É claro que invasão não significa perda absoluta de independência. Um receio tão estúpido é digno de uma sociedade tão estúpida como a do 1º de Dezembro. Não se conhece um exemplo de seis milhões de habitantes serem engolidos, de um só trago, por um país que tem apenas quinze milhões de homens. Além disso, ninguém consentiria em deixar cair nas mãos da Espanha, nação militar e marítima, esta bela linha de costa de Portugal. Sem contar as alianças que teríamos a troco das colónias – das colónias que só nos servem como a prata de família aos morgados arruinados, para ir empenhando em casos de crise. Não há perigo... O que nos acontece, em caso de invasão, num momento de guerra europeia, é levarmos uma sova tremenda, pagarmos uma grossa indemnização, perdermos uma ou duas províncias, ver talvez a Galiza estendida até ao Douro...

COHEN: Mas então onde está a salvação, quando Celorico de Basto, a nobre Celorico, berço de heróis, berço dos Egas, for uma povoação espanhola?

JOÃO DA EGA: A salvação estaria nisto: no ressuscitar do espírito público e do génio português! Sovados, humilhados, arrasados, escalavrados, teríamos de fazer um esforço desesperado para viver. E em que bela situação nos achávamos ! Sem monarquia, sem essa caterva de políticos, sem esse tortulho da rubrica do orçamento, porque tudo desapareceria, ficávamos novos em folha, limpos, escarolados, como se nunca tivéssemos servido. E recomeçava-se uma história nova, um outro Portugal, um Portugal sério e inteligente, forte e decente, estudando, pensando, fazendo civilização, como outrora ... Meninos, nada regenera uma nação como uma medonha tarefa ... Oh! Deus de Ourique, mandanos o castelhano! E você, Cohen, passe-me o Saint Emilion.

CARLOS DA MAIA: Em caso de invasão organizava-se a resistência...

COHEN: Nesse caso, podia contar com a minha fiança para os empréstimos...

JOÃO DA EGA (gritando): O Craft e eu organizávamos uma guerrilha.

CARLOS DA MAIA (fazendo a continência): Às ordens meu coronel...

JOÃO DA EGA: Armas e canhões compram-se na América.

CRAFT: E podem contar com a minha colecção de espadas do século XVI...

CARLOS DA MAIA: Mas... e generais

CRAFT: Aluga-se o Mac-Mahon, deve estar barato...

JOÃO DA EGA: O Alencar é encarregado de ir despertar pela província o patriotismo, com cantos e com odes!

TOMÁS DE ALENCAR (pousando o copo, e levantando-se lentamente): Isto é uma velha carcaça, meu rapaz, mas não está só para odes! Ainda se agarra uma espingarda, e como a pontaria é boa, ainda vão a terra um par de galegos... Caramba, rapazes, só a ideia dessas coisas me põe o coração negro! E Como vocês podem falar nisso, a rir, quando se trata do País, desta terra onde nascemos, que diabo! Talvez seja má, de acordo, mas, caramba!, é a única que temos... não temos outra! É aqui que vivemos, é aqui que reventamos ... Irra, falemos de outra coisa, falemos de mulheres !

(Silêncio)

DÂMASO SALCEDE: Se as coisas chegassem a esse ponto, se se pusessem assim feias, eu cá, `à cautela, ia-me raspando para Paris...

JOÃO DA EGA (pulando da cadeira): Aí está, na frase sintética de Dâmaso, o grito espontâneo e genuíno do brio português!

Raspar-se, pirar-se! ... é assim que de alto a baixo pensa a sociedade de Lisboa, a malta constitucional, desde el-rei nosso senhor até aos cretinos de secretaria!

Meninos: ao primeiro soldado espanhol que apareça á fronteira, o País em massa foge como uma lebre! Vai ser uma debandada única na história!

(indignação geral)

TOMÁS DE ALENCAR (grita): Abaixo o traidor!

COHEN: Calma, senhores. Apesar de tudo, o soldado português é valente, à maneira dos turcos ... sem disciplina, mas tesos.

CARLOS DA MAIA: Não senhor, ninguém há-de fugir, e há-de se morrer bem.

JOÃO DA EGA: Para quê essa pose heróica? Não sabem vocês que esta raça, depois de cinquenta anos de constitucionalismo, criada pelos saguões da Baixa, educada na piolheira dos liceus, roída de sífilis, apodrecida no bolor das secretarias, arejada apenas ao domingo pela poeira do Passeio, perdeu músculo como perdeu o carácter, e é a mais fraca, a mais cobarde raça da Europa?...

CRAFT: Isso são os Lisboetas...

JOÃO DA EGA: Lisboa é Portugal. For a de Lisboa não há nada. O País está todo entre a Arcada e S. Bento...

A mais miserável raça da Europa!

E que exército! Um regimento, depois de dois dias de marcha, dá entrada em massa no hospital!

Vi com os meus olhos, no dia da abertura das Cortes, um marujo sueco, um rapagão do Norte, fazer debandar, a soco, uma companhia de soldados: as praças tinham literalmente largado a fugir, com a patrona a bater-lhe nos rins, e o oficial, enfiando de terror, meteu-se para uma escada, a vomitar...

TODOS: Não é possível

JOÃO DA EGA: Pois, mas eu vi...

TODOS: Exagero...

JOÃO DA EGA: Juro pela saúde da mamã...

Cohen faz sinal de pretender falar. Faz-se silêncio.

COHEN: Meus caros, o futuro a Deus pertence... Agora que os espanhóis pensam na invasão, lá isso é certo... Sobretudo se vierem, como é provável, a perder Cuba. Todo o mundo mo disse em Madrid... Até já há negócios de fornecimentos entabulados...

TOMÁS DE ALENCAR: Espanholadas, galegadas...

COHEN: No Hotel de Paris, em Madrid, conheci eu um magistrado que me disse que ainda não perdeu a esperança de se vir estabelecer de todo em Lisboa; agradou-lhe muito Lisboa, quando cá esteve a banhos...

(pausa)

Quanto a mim, estou que há muitos espanhóis que estão á espera deste aumento de território para se empregarem!

JOÃO DA EGA (com as mãos no peito): Que delicioso traço, que admiravelmente observado... Delicioso, hem Craft...

(todos assentem na finura da observação de Cohen)

Dâmaso ergue uma saúde ao Cohen

JOÃO DA EGA: Mas falemos de ideias novas, da nova literatura. Está aí um novo poeta, o Simão Craveiro, com um belíssimo poema, A morte de Satanás.

Oiçam estes belíssimos versos

E, entre duas costeletas, no decote,
Tinha um bouquet de rosas!

TOMÁS DE ALENCAR: Ora, palhadas! Numa simples estrofe, dois erros de gramática, um verso errado e uma imagem roubada a Baudelaire...

JOÃO DA EGA: Eu bem sei porque tu falas, Alencar, o motivo não é nobre, é por causa do epigrama que ele te fez:

O Alencar d' Alenquer,
Aceso com a Primavera...

Vocês nunca ouviram isto? Nunca ouviste isto Carlos? - é sublime, sobretudo esta estrofe:

O Alencar d' Alenquer
Que quer? Na Verde campina
Não colhe na terra bonina
Nem consulta o malmequer...
Que quer? Na verde campina
O Alencar d' Alenquer
Quer menina!

Não me lembro já do resto, mas termina com um grito de bom senso, que é a verdadeira crítica de todo esse lirismo pandilha:

O Alencar d' Alenquer
Quer cacete!

TOMÁS DE ALENCAR: Olha João da Ega, deixa-me dizer-te uma coisa, meu rapaz...

Todos esses epigramas, esses dichotes lorpas do raquíptico e dos que o admiram, passam-me pelos pés como um enxurro de cloaca ... o que faço é arregçar as calças! Arregaço as calças... (de pé, arregça as calças)

JOÃO DA EGA: Pois quando achares enxurros desses – (Ega, gritandog) – Agacha-te e bebe-os! Dão-te sangue e força ao lirismo!

TOMÁS DE ALENCAR (dando murros no ar) Eu, se esse Craveirote não fosse raquíptico, talvez me entretivesse a rolá-lo aos pontapés por esse Chiado abaixo, a ele e à versalhada, a essa lambisgonhice excrementícia com que seringou Satanás! E depois de o besuntar bem de lama, esborrachava-lhe o crânio!

JOÃO DA EGA (em tom trocista): Não se esborracham assim crânios...

TOMÁS DE ALENCAR (IRADO): Esborrachava-lho sim, esborrachava, João da Ega, esborrachava-o assim

(começa a dar patadas no chão, com violência)

Mas não quero, rapazes!

Dentro daquele crânio só há excremento, vômito, pus, matéria verde, e se lho esborrachasse, porque lho esborrachava, rapazes, todo o miolo podre saía, empestava a cidade, tínhamos o cólera! Irra! Tínhamos a peste!

CARLOS DA MAIA (agarrando Alencar pelo braço, acalmado-o):
Então Alencar, que tolice... Isso vale lá a pena!...

TOMÁS DE ALENCAR (sentando-se e desabotoando o casaco): Com efeito, não vale a pena ninguém zangar-se por causa desse Craveiro da Ideia Nova, esse caloteiro, que se não lembra que a porca da irmã é uma meretriz de doze vinténs em Marco de Canavezes!

JOÃO DA EGA (Levantando-se): Não isso agora é demais, pulha!

(Cohen e Dâmaso agarram-no enquanto Carlos retém Alencar)

DÂMASO SALCEDE: Calma rapazes... Aqui no Hotel Central...

JOÃO DA EGA: Esse pulha, esse cobarde... hei-de esbofeteá-lo...

A D. Ana Craveiro, uma santa! Esse caluniador... hei-de esganá-lo!

(Carlos da Maia conversa com Alencar, em surdina; no outro lado Cohen fala a João da Ega, também em surdina)

Alencar dirige-se a João da Ega, atrás de Carlos, com ar arrependido.

COHEN: Aqui todos somos cavalheiros: como homens de talento e coração fidalgo devem abraçar-se

Vá um shake hands!

Cena final: Alencar e João da Ega abraçam-se e

TOMÁS DE ALENCAR: Excedi-me, caro Ega, aqui declaro bem alto que D. Ana Craveiro é uma santa. E o Simão Craveiro tem carradas de talento.

(Levantam-se todos e prestam-se a abandonar a sala)

CARLOS DA MAIA: Vou andando a pé pelo aterro.

TOMÁS DE ALENCAR: Filhos! Então? Parece-me que me portei como um gentleman?

(concordam)

TOMÁS DE ALENCAR: Estimo que digam isso. Vamos lá então por esse Aterro fora... mas deixem-me ir ali primeiro comprar tabaco...

(saem)

Iluminação extingue-se e retoma a música

FIM DO 1º ACTO

.....

INTERVALO ---- JANTAR

PEDE-SE A INTERVENÇÃO DE TODOS OS PRESENTES À VOLTA DO TEMA.

COM AS SOBREMESAS COMEÇA O SEGUNDO ACTO

SEGUNDO ACTO

BULHÃO PATO: Permitam-me que me apresente. O meu nome é Raimundo. Raimundo António Bulhão Pato. Nasci em Bilbau, em 3 de Março de 1829, de pai e mãe portugueses. Vivíamos então em Deusto, numa casa antiga, que ficava dentro de uma grande quinta que se estendia até à beira da ria, daquela famosa ria onde se pescavam as engulas, – desconhecidas em toda a parte, que eu tenha notícia – uma espécie de enguias muito delgadas, dum sabor muito esquisito, finíssimo. Sabe Deus, se na minha infância, debaixo dos arvoredos daquele vale fertilíssimo, não assaltei os ninhos, e apedrejei as nogueiras e os castanheiros. Pode ser. Eu era a peste dos ninhos. Oh! As crianças – os inocentes cruéis! – disse Victor Hugo.

Mas nas Províncias Vascongadas grassava, por essa época, a guerra civil entre Carlistas e Liberais. As execuções sucediam-se a todo o instante. Minha mãe tremia e rezava quando, pelo vale afora, ecoavam as arcabuzadas dos fuzilamentos. A guerra civil tudo arrasava. Meus pais decidiram regressar a Portugal, arrancar-me àquele doce vale de Deusto e aos carinhos da minha boa ama, *Maria Salomé*, em que ainda hoje cismo

com terna saudade. Meu pai fretou um brigue dinamarquês que nos transportou a Lisboa, tinha eu então oito anos e meio!

Estávamos em Outubro de 1837, três anos apenas tinham decorrido sobre a Convenção de Évora Monte*. Portugal cheirava ainda a sangue e a pólvora! Acompanhei desde essa época, até hoje, toda a vida política, literária e intelectual deste desiludido século e conheci e convivi com os maiores homens que ele deu a Portugal – fui amigo do peito dos maiores deles: Alexandre Herculano, que acompanhei nos seus derradeiros momentos na sua quinta de Vale de Lobos, e do bom e infeliz Antero. E, muito antes destes meninos da Geração Nova andarem em cafés e botequins, já o Bulhão Pato empunhava pistolas contra os Cabrais na Revolução da Maria da Fonte!

Pretendeu V. Exa., Sr. José Maria Eça de Queiroz, atingir a minha reputação de poeta lírico ao retratar-me na figura de Tomás de Alencar do seu recente romance realista “*Os Maias*”. Pois saiba V. Excia que essa torpe difamação de minha pessoa e dos meus méritos literários lhe sairá muito cara e perdurará na memória das gerações vindouras e nos tratados de História da Literatura pátria. Não se denigre impunemente a figura de um homem honrado e com créditos firmados na República das Letras. A História devolver-lhe-á o insulto e será este velho poeta que triunfará da caricatura do Alencar. Viverei consigo no seu romance realista...

EÇA DE QUEIROZ: Com efeito, Sr. Bulhão Pato, permita-me que desfaça o equívoco em que V. Ex.cia envolveu a minha personagem Tomás de Alencar. Para esse efeito, permita-me que lhe cite algumas passagens da carta que, em minha defesa, enviei ao meu amigo Carlos Lobo de Ávila em 1889.

“Meu caro Carlos: (...) Esta manhã, recebi um jornal do Rio de Janeiro, O País, onde destacava um artigo de Pinheiro Chagas (sempre este homem fatal!) cujo título – *Bulhão Pato e Eça de Queiroz* – logo me causou confusão e assombro! Imaginei ao princípio que se tratava de um desses paralelos literários, dados outrora coma temas nas aulas de Retórica, e em que se comparava, com sonora facúndia, o génio de César ao génio de Pompeio, as virtudes de Catão às virtudes de Séneca... Mas não! o artigo de Pinheiro Chagas versava sobre factos bem definidos, autenticados, com um ar sólido de pedaços de História, que deram ao meu assombro e confusão, já grandes, uma intensidade quase dolorosa. Era um artigo condenando com a máxima rispidez certa injúria que eu em prosa fizera a

Bulhão Pato - e celebrando em períodos que se babavam de admiração e ternura, certa desforra que Bulhão Pato tomara em verso.

* Adaptado das "Memórias" de Bulhão Pato, Lisboa, 1894.

A minha injúria consistira em caricaturar Bulhão Pato n'Os Maias, sob os bigodes e os rasgos de Tomas de Alencar, e a desforra de Bulhão Pato fora correr à sua grande lira, e lançar contra mim uma grande sátira! Tais se me apresentaram os factos. E perante eles o meu assombro e confusão provinham de que, nesta fria manhã de Janeiro do ano da graça de 1889, antes de ler o *País* - eu ainda ignorava totalmente a ofensa contra o simpático autor da *Paqueta* e o castigo retumbante que recebera do autor cruel dessa andaluza. (...)

Só hoje, através das amargas repreensões de Chagas, vim a saber que a sátira me fora vibrada pelo autor da Paqueta em desforra, em ostentosa e berrante desforra de eu o ter encarnado na pessoa de Tomás de Alencar! E apenas recebi de chofre estas revelações, murmurei comigo, sem hesitar, imensamente divertido e imensamente contente: - «Ainda bem! O que o nosso Pato gozou em se imaginar retratado n'Os Maias».

«Ser retratado» num romance ou numa comédia constitui há muito, coma V. sabe, caro amigo, a mais decisiva evidência da celebridade. Desde Aristofanes que põe Sócrates em cena nas Nuvens - até Pailleron que retrata Caro no *Monde où l'on s'ennuie*, sempre a personificação de um contemporâneo aparece coma a definitiva consagração da sua importância na sociedade, na política ou nas letras.(...)

Ora conheço porventura deste modo íntimo e miúdo o Sr. Bulhão Pato? Não - nem intimamente, nem quase superficialmente. Quantas vezes, nestes derradeiros dezasseis ou dezoito anos, nos teremos avistado, através das nossas desencontradas e remotas existências? Cinco ou seis vezes, fugitivamente - na rua, nalguma sala, a uma mesa de restaurante! Nada sei da sua vida, dos seus costumes, das suas opiniões. Nunca provei da sua cozinha. E acrescentarei mesmo (já que a defesa me impõe esta confissão dolorosa que me acabrunha), que quase não provei ainda da sua melhor poesia! Por circunstâncias inexplicáveis, e que me vexam, eu nunca li a *Paqueta*. Nada sei dele! Se alguém me pedisse para traçar num papel três ou quatro feições características da fisionomia moral e literária deste poeta, eu ficaria com a pena suspensa no ar, na mais absurda e ignara hesitação.

Como ousaria eu então tentar, durante um longo romance, a pintura de um vivo de quem não conheço a vida, de um poeta de quem não conheço a poesia?

A maior razão, porém, para mim mesmo de que, criando o tipo de Tomas de Alencar, eu nunca pensei em Bulhão Pato - é que pensei sempre noutro. Tomás de Alencar, com efeito, representa alguém que viveu. É um retrato. Um retrato desenvolvido, completado com traços surpreendidos aqui e além na velha geração romântica. Eu conheci Tomas de Alencar. Conheci-o na província, de onde nunca saiu, quando ele já

tinha o seu longo bigode romântico embranquecido pela idade e amarelecido pelo cigarro, como n'Os Maias. (...)

O meu trabalho n'Os Maias foi transportá-lo para as ruas de Lisboa, acomodá-lo ao feitio de Lisboa, começando por o desembrulhar do seu xale-manta, e separá-lo do seu cão – porque estes dois atributos não se coadunam com os costumes da capital. Completei-o também dando-lhe esse horror literário do naturalismo, que Alcoforado nunca tivera - porque nesses tempos ditosos ainda se não parolava em Portugal acerca do naturalismo, nem o nosso bom Chagas conhecia ainda, para dele se rir, de alto para baixo, o épico d'O Germinal. Em todas as feições fundamentais, porém, ele permaneceu no romance, exactamente como foi na vida.

Era dele a solenidade do Alencar. Dele a voz cavernosa e lenta. Dele o hábito (que o ajudou a matar) de atirar às goelas copinhos de genebra. Dele o costume de empregar o invocativo filhos! - tão inveterado que este plural vinha mesmo quando se dirigia a uma só pessoa, como se em espírito falasse a uma descendência de espíritos. Eram dele, enfim, a lealdade, a honestidade impecável, a bondade, a generosidade, a alta cortesia de maneiras: - e é bem petulante que alguém tente à força encafuar-se dentro destas nobres qualidades, e procure resplandecer perante a multidão com o brilho que elas irradiam, repetindo assim a fábula sempre grotesca e sempre irritante da gralha que se reveste com as penas melhores do pavão!

Porque é esta questão das qualidades que faz a estupenda absurdidade do caso. Por onde se reconheceu o Sr. Bulhão Pato no Sr. Tomás de Alencar? Pelo feitio exterior?.. Foi pelos bigodes? Todos em Portugal usamos esse retorcido apêndice. Pelas receitas de cozinha? Todos os homens de letras, desde Virgílio a Dumas pai, ensinavam a arte sem igual. Pela efusão dos gestos? Todos nós nestas terras expansivas do sul, lançamos os nossos gestos até às nuvens... Em quais destes traços se reconheceu Bulhão Pato? Pinheiro Chagas, no artigo do País, afirma que há em Alencar dois hábitos que são a reprodução escandalosa de dois hábitos de Bulhão Pato: _ o andar sempre puxando a pêra, e sempre recitando maus versos! (textual). Ora sucede justamente que Alencar não tem pêra, apenas longos bigodes cheios de poesia e tristeza.

E em quanto aos versos, é certo que os de Alencar são maus; – mas Pinheiro Chagas parece-me injusto quando implícita e explicitamente declara que são maus também os de Bulhão Pato. Como já confessei, suando de vergonha, nunca desgraçadamente li a *Paqueta*: tenho, porém, a certeza que ela não é inferior ao *Poema da Mocidade* do severíssimo Chagas. Nalguma estrofe de Pato que tem sido meu encanto e privilégio ler – encontrei sempre facilidade, elegância e doçura. E os traços portanto que Pinheiro Chagas cita, para provar a parecença do poeta vivo e do poeta imaginado, são contraproducentes –porque onde Alencar recita versos maus, Pato recitaria bons versos, e onde Pato tem pêra, Alencar só tem queixo!

Tudo isto, caro amigo, é deploravelmente cómico, insusceptível quase de ser comentado com gravidade. A julgar por estes traços exteriores, poderiam considerar-se retratados no Alencar, e vibrarem sátiras contra mim, todos os homens que em Portugal têm bigodes, cometem versos, gesticulam largo, e sabem modos de cozinhar o bacalhau – isto é, uma farta metade dos habitantes do reino!

Não! estes traços de superfície, comuns a todos, não individualizam ninguém. O que diferença e caracteriza os homens – é o seu modo de ser moral, o conjunto das qualidades e dos defeitos. Ora Tomás de Alencar tem defeitos e qualidades, separados e alternados, que vão desde a carraspana até ao cavalheirismo. Em quais das virtudes ou dos vícios se reconheceu o poeta da *Paqueta*?

Se foi nas virtudes, então aqui vemos um homem que solenemente se adianta, cercado dos seus amigos, e exclama para o público, com a fronte alçada: – «Apareceu aí um romance em que há um tipo de poeta, que tem lealdade, generosidade, uma honradez perfeita!... Ora com tão esplêndidas qualidades só eu existo, em Portugal.

Esse poeta, portanto, sou eu!»

Neste caso, nunca nas idades modernas se teria visto um tão burlesco exemplo de pedantismo e de farófia.

Mas se o Sr. Bulhão Pato se reconheceu nos defeitos, então aqui temos um homem que em meio dos seus amigos se acerca do público e declara com serenidade: – «Apareceu aí um romance em que há um poeta que é um medíocre, um palrador, um farsante e um piteireiro. Ora com tão pífias qualidades só eu existo em Portugal. Esse poeta, portanto, sou eu!» Neste caso, nunca no mundo se teria visto um tão doloroso exemplo de rebaixamento e de aviltamento próprio.

Paro, pelo respeito que devo ao poeta. Mas quantas cruéis e esmagadoras conclusões, uma pena mais hábil e maligna do que a minha poderia sacar desse paralelo a que o autor da *Paqueta* tão gratuitamente se ofereceu e em que se comprazeu tão levianamente!

Paro também para não tomar mais tempo ao *Tempo*. Foi necessária, porém, esta prolongada e miúda explicação, para mostrar que nada há de comum entre Tomás de Alencar e o Sr. Bulhão Pato, além daqueles traços literários pelos quais um poeta romântico é sempre parecido com outro poeta romântico. Foi igualmente necessária para mostrar que só uma indiscreta ilusão e um zelo excessivo pela glória própria, puderam levar o autor da *Paqueta* a introduzir-se, com tanto ruído e tanta publicidade, dentro do autor da *Flor de Martírio*. E visto que nada agora pode justificar a permanência do Sr. Bulhão Pato no interior do Sr. Tomás de Alencar, causando-lhe manifesto desconforto e empanturramento - O meu intuito final com esta carta é apelar para a conhecida cortesia do autor da *Sátira*, e rogar-lhe o obséquio extremo de se retirar de dentro do meu personagem...

BULHÃO PATO: Agora é tarde, meu caro Eça. O melhor é esquecermos as desavenças. Devido ao seu imenso talento, ficarei, no seu livro, para sempre ligado à história da cultura portuguesa. Façamos as pazes. Deixemos aos vindouros o julgamento definitivo.

Pouco me importa que não me leiam a *Paqueta* –

– Sejam sobretudo Felizes! que não vos falte a alegria e que, sentados a uma mesa em amena cavaqueira, possam desfrutar de um copo desse delicioso Bucelas para regar um proverbial prato de amêijoas...preparadas à minha maneira!

FIM.

Termina com a ária de Viana Motta.

Adaptado por: José Paulo Vaz